
MASCULINIDADES NA SELEÇÃO DE PARCEIROS ENTRE USUÁRIOS DO GRINDR NA CIDADE DE SANTA MARIA - RS

MASCULINITIES IN THE PARTNER SELECTION BY THE USERS OF “GRINDR” IN THE
CITY OF SANTA MARIA-RS

LAS MASCULINIDADES EN LA ELECCIÓN DE PAREJA ENTRE LOS USUARIOS DE
GRINDR EN LA CIUDAD DE SANTA MARIA – RS

Daniel da Silva Stack¹

Resumo

A pesquisa tem como tema a busca afetiva-sexual entre homens usuários do aplicativo Grindr em Santa Maria-RS. O Grindr é um aplicativo de geolocalização desenvolvido, inicialmente, para homens gays e bissexuais se relacionarem. Ele foi criado pelo norte-americano Joel Simkhai. O aplicativo pode ser acessado em smartphones e tablets, e está disponível para Android e Iphone. Estudos sobre a plataforma evidenciam padrões recorrentes na busca afetiva-sexual dos usuários, destacando rígidas normas estéticas de construção do corpo e da masculinidade, que se materializam na construção dos perfis e nos critérios subjetivos da busca. Compreendendo que padrões associados à masculinidade hegemônica influenciam na seleção de parceiros, busco investigar os espaços urbanos da cidade de Santa Maria-RS, caracterizada como grande polo militar e universitário, e como esses espaços influenciam na (in)visibilidade de determinados perfis. O estudo está em andamento e utiliza-se da etnografia digital, compreendendo as plataformas digitais como espaços passíveis de investigação sociológica. Os métodos de coleta de dados consistem na análise dos perfis que integram a plataforma e na entrevista semi-estruturada com usuários do aplicativo. A análise coloca em evidência a pluralidade de discursos referentes à masculinidade. Há presença de perfis de usuários que reiteram uma masculinidade pautada na heterossexualidade ao se descreverem como machos ou “normais”, no entanto, há também perfis que desconstróem essa norma de masculinidade e reivindicam outras formas de existência para além das concepções hegemônicas de masculinidade.

Palavras-Chave: Masculinidades; Aplicativos; Mídias Digitais; Grindr.

Abstract

This research has as theme the affective-sexual searching among the users of the app *Grindr* in the city of Santa Maria- RS. *Grindr* is a geolocation app, initially developed only for gay and bisexual men to connect with each other. The creator of this app was

¹ Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria – PPGCS/UFSM, bolsista CAPES, danielsstack@outlook.com.

the north American Joel Simkhai. The app can be accessed by cellphones and tablets and is available for Androids and IOS. The recurring studies related to the platform show that there are recurring patterns in the affective sexual searching among the users of the app. The highlights were strict rules related to body building and masculinity that are materialized in the profile construction and in the subjective criteria of the searching. Since the patterns associated to the hegemonic masculinity influences in this pattern selection, this study investigates the urban spaces of the city, characterized by being a huge military and university area and how these spaces influence in the (in) visibility of the profiles. This study is ongoing and uses digital platforms as spaces amenable to sociological research. The data collection methods consists of analyzing the profiles that integrate the platform and semi-structured interview with the users of the app living in Santa Maria – RS. When analyzing the Grindr app users in the context of Santa Maria the highlight was the plurality of discourses related to masculinities with the presence of users profiles that reaffirm a masculinity based on heterosexuality by describing themselves as “masc” or “normal”. However, there are profiles that deconstruct this norm of masculinity by claiming other forms of existence beyond of hegemonic conceptions of masculinity.

Keywords: Masculinities; Apps; Digital Media; Grindr.

Resumen

La investigación tiene como tema la búsqueda afectivo-sexual entre usuarios masculinos de la aplicación Grindr en Santa Maria-RS. Grindr es una aplicación de geolocalización diseñada inicialmente para que los hombres homosexuales y bisexuales socialicen. Fue creado por el estadounidense Joel Simkhai. Se puede acceder a la aplicación en teléfonos inteligentes y tabletas, y está disponible para Android e Iphone. Los estudios en la plataforma muestran patrones recurrentes en la búsqueda afectivo-sexual de los usuarios, destacando rígidas normas estéticas para la construcción del cuerpo y la masculinidad, que se materializan en la construcción de perfiles y en los criterios subjetivos de la búsqueda. Entendiendo qué patrones asociados a la masculinidad hegemónica influyen en la selección de socios, busco indagar en los espacios urbanos de la ciudad de Santa Maria-RS, caracterizada como un gran polo militar y universitario, y cómo estos espacios influyen en la (in) visibilidad de ciertos perfiles. El estudio se encuentra en proceso y utiliza la etnografía digital, entendiendo las plataformas digitales como espacios sujetos a investigación sociológica. Los métodos de recogida de datos consisten en el análisis de los perfiles que componen la plataforma y una entrevista semiestructurada con los usuarios de la aplicación. El análisis destaca la pluralidad de discursos referidos a la masculinidad. Hay perfiles de usuarios que reiteran una masculinidad basada en la heterosexualidad al describirse como masculinos o "normales", sin embargo, también hay perfiles que deconstruyen esta norma de masculinidad y reivindican otras formas de existencia más allá de las concepciones hegemónicas de masculinidad.

Palabras clave: Masculinidad; Aplicaciones; Medios Digitales; Grindr.

INTRODUÇÃO

O artigo parte do processo de construção da pesquisa de mestrado — em andamento — e tem como tema a busca afetiva-sexual entre homens através do

aplicativo Grindr, no contexto de Santa Maria–RS, durante a pandemia do novo coronavírus. A pesquisa busca investigar a constituição de masculinidades e as negociações travadas com seus padrões hegemônicos. Trazemos para a análise alguns perfis de usuários em localidades com características sociodemográficas distintas, como as proximidades da Universidade Federal de Santa Maria e o centro da cidade. Ambos os contextos foram escolhidos para se pensar, comparativamente, nos padrões de masculinidades e nas formas de regulação de sexualidade e exposição dentro do aplicativo.

O município de Santa Maria é localizado na região central do Rio Grande Sul, com uma população estimada, em 2020, de 283.677 habitantes, de acordo com IBGE. A Universidade Federal de Santa Maria conta com mais de oitenta cursos de graduação e apresenta moradia estudantil abrangente. Segundo dados fornecidos pela Agência de Desenvolvimento de Santa Maria, a UFSM apresentava, em 2017, um número total de 23.778 estudantes entre os cursos de graduação, pós-graduação, ensino médio e técnico.

A cidade de Santa Maria é também a segunda maior do Brasil em concentração de militares. São dezenove organizações militares na cidade, contando com um hospital militar (Hospital de Guarnição de Santa Maria), um colégio militar e uma base área, que fica no mesmo bairro da universidade. A população de militares corresponde a 2,72% da população total do município, sem incluir seus familiares.

A pesquisa utiliza-se da etnografia digital, compreendendo que nos espaços online a cultura é formada e reformada, sendo espaços passíveis de investigação sociológica. Os métodos de coleta de dados consistem na observação participante com análise dos perfis que integram a plataforma, e entrevistas semi-estruturadas com usuários do aplicativo, residentes em Santa Maria – RS.

Fui à campo para realizar uma pesquisa exploratória entre novembro de 2020 e fevereiro de 2021. As visitas ocorriam durante três turnos diferentes (manhã, tarde e noite), buscando encontrar regularidades e diferenças de uso em cada espaço de investigação, tais como o número de usuários que expõe foto de rosto, que acionam “sigilo” e “discrição” em seus perfis, entre outros. Os dados obtidos com a pesquisa exploratória contribuíram para a formulação de um roteiro de entrevista sobre os usos do aplicativo, ele envolvia concepções da masculinidade e ocorrência de encontros afetivos-sexuais durante a pandemia do Covid-19. As entrevistas foram realizadas em

junho de 2021 e aplicadas a cinco usuários do aplicativo com faixa etária entre 20 e 40 anos.

A partir da pesquisa exploratória e do aprofundamento qualitativo da investigação, encontrei experiências pessoais distintas no aplicativo cruzando questões de masculinidades, raça, idade e expressão de gênero. O contexto acadêmico e de produção cultural sobre gênero na cidade trouxe impactos na constituição da masculinidade de alguns interlocutores.

Na primeira seção do artigo, trago estudos a respeito da masculinidade para compreender sua constituição, sua produção local e global, assim como as relações de poder e de dominação que são engendradas a partir de modelos que se assumem como hegemônicos. Além disso, incorpora-se autores que analisam as transformações nas configurações afetivas e sexuais a partir do uso da tecnologia.

Posteriormente, descrevo o campo de pesquisa e as especificidades que o município de Santa Maria-RS trouxe para a análise. Nessa seção, apresento os dados obtidos a partir da análise de perfis na plataforma e das entrevistas realizadas, tencionando os discursos presentes no aplicativo e nas entrevistas para compreender sociologicamente os discursos dos usuários sobre masculinidade.

MASCULINIDADES E APLICATIVOS: UMA ANÁLISE TEÓRICA

Judith Butler (2003) chama de *matriz heterossexual* a imposição social de uma linearidade entre sexo-gênero-desejo, na qual o sujeito deve se identificar com o gênero de nascimento, ser heterossexual e, conseqüentemente, desejar o sexo oposto. O termo *heteronormatividade* é utilizado por ela para definir a imposição que também se dirige à não-heterossexuais, para que estes busquem performar atributos da heterossexualidade através da reprodução de valores, práticas e discursos desta (BUTLER, 2003).

O gênero é constituído a partir da norma estabelecida que reforça a binaridade entre os gêneros masculino e feminino, e uma performatividade correspondente à expectativa de gênero que se impõe a cada um deles. No entanto, Judith Butler (2003) ressalta que o gênero não é inerente ao indivíduo, mas sim uma construção social, e, como tal, torna-se uma prática reguladora e de constante vigilância para manter-se dentro de como é esperado que os sujeitos se comportem.

Em outras palavras, a "unidade" do gênero é o efeito de uma prática

reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória. A força dessa prática é, mediante um aparelho de produção excludente, restringir os significados relativos de "heterossexualidade", "homossexualidade" e "bissexualidade", bem como os lugares subversivos de sua convergência e resignificação. O fato de os regimes de poder do heterossexismo e do falocentrismo buscarem incrementar-se pela repetição constante de sua lógica, sua metafísica e suas ontologias naturalizadas não implica que a própria repetição deva ser interrompida -como se isso fosse possível. E se a repetição está fadada a persistir como mecanismo da reprodução cultural das identidades (BUTLER, 2003, p.67-68).

Raewyn Connell (1995, p. 188) nos diz que a masculinidade “é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”, portanto, não é trans-histórica, mas é constituída a partir de processos históricos e culturais, que apresentam contínuas mudanças. Dessa forma, a estrutura de gênero não é estática (mecânica), mas sim dialética, nela os indivíduos podem “lutar contra as instituições e forças culturais ou aceitar sua estampa” (CONNELL, 1995, p.190).

[...] devemos pensar na construção da masculinidade como um projeto (no sentido de Sartre) perseguido ao longo de um período de muitos anos e através de muitas voltas e reviravoltas. Esses projetos envolvem encontros complexos com instituições (tais como escolas e mercados de trabalho) e com forças culturais (tais como a comunicação de massa, a religião e o feminismo) (CONNELL, 1995, p.190).

A masculinidade não é uma característica inata aos homens. A noção de “papel masculino”, cunhada nos primeiros estudos sobre masculinidade, ignora a dimensão das relações de poder, violência e desigualdade material, além de naturalizar determinados comportamentos como sendo masculinos. Para Connell, (1995, p. 188), sobre o “papel masculino”: “trata-se de um conceito que não nos permite ver as complexidades no interior da masculinidade e as múltiplas formas de masculinidade”. Dessa forma, a masculinidade não é homogênea e devemos ter em mente que falamos de *masculinidades*. As diferentes masculinidades encontram-se em constante (re)construção e diálogo, entre as quais há uma dimensão de poder e um ideal que ocupa o topo da hierarquia. É chamada *masculinidade hegemônica* a forma que se assume como “ideal”, ocupando uma posição dominante de poder e subjugando demais formas de masculinidade. Para Connell (1995):

Em primeiro lugar, diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens,

relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela. (CONNELL, 1995, p.189).

Ao analisarmos as masculinidades devemos levar em consideração sua produção local, visto que grupos diferentes de homens experienciam a masculinidade de forma particular (CONNELL, 2013). Para compreender qual masculinidade é hegemônica, deve-se investigar um contexto local em relação ao global, buscando compreender quais atributos compõem o ideal de hegemonia e quais expressões de masculinidade são subordinadas, naquele contexto. A masculinidade é múltipla, trata-se de uma produção individual, local e global que forma grupos de indivíduos através do compartilhamento de práticas sociais que compõem suas fronteiras de masculinidade. Pensando as masculinidades em diferentes contextos sociais, Connell (2013, p. 278) pontua que:

Pesquisas internacionais confirmaram fortemente o insight inicial de que ordens de gênero constroem masculinidades múltiplas. Valdés e Olavarría mostram que, mesmo em países culturalmente homogêneos como o Chile, não há uma masculinidade unitária, uma vez que os padrões variam por classe e geração. Em outro famoso país homogêneo, o Japão, Ishii-Kuntz traça a “emergência de masculinidades diversas” na história social recente, com mudanças nas práticas de cuidado das crianças como desenvolvimento-chave. Diversidade de masculinidades também é encontrada em instituições particulares como a instituição militar [...] Finalmente, um corpo considerável de pesquisas mostra que as masculinidades não são simplesmente diferentes entre si mas também sujeitas a mudanças. Desafios à hegemonia são comuns, e o são também os ajustes em face desses desafios. Morrell mostra evidências sobre as transformações de gênero na África Meridional associadas com o fim do Apartheid, um sistema de patriarcados segregados e concorrentes. Ferguson analisa o declínio dos ideais de longa duração de masculinidade na Irlanda – o padre celibatário e o homem de família que trabalha duro – e sua substituição por modelos mais modernizados e orientados pelo mercado.

A busca por se aproximar ao modelo hegemônico de masculinidade é acionada dentro do aplicativo Grindr, onde há perfis que explicitam, em suas narrativas, a busca por uma performance de masculinidade que atue dentro das definições de “macho”, “discreto” e “sigiloso”.

Para Raewyn Connell (2003), toda a estrutura de gênero, incluindo a masculinidade, é uma estrutura contraditória. Trata-se de um modelo performativo, e os sujeitos não conseguem manter uma performance adequada desses modelos hegemônicos que seja coerente o tempo todo. O que acontece, em geral, é uma

negociação com a norma hegemônica. Nos aplicativos de relacionamento, as performances de masculinidade fabricadas através dos perfis não condizem com a performance off-line, o que importa nesse ambiente é exaltar um ideal de masculinidade através de fotos, ângulos e descrições.

A pesquisa de Camilo Braz (2010) em clubes de sexo em São Paulo revela políticas de controle no que diz respeito à masculinidade. Nos clubes de sexo é cobrado dos frequentadores performarem uma masculinidade viril, esse controle e cobrança não é institucionalizado pelos clubes, mas se dá através dos rechaços que incidem sobre homens afeminados durante a sociabilidade nesses espaços. Uma contradição encontrada pelo autor é que seus interlocutores não se importam que fora desses espaços esses homens sejam mais femininos, mas, nesses espaços, em particular, devem “fazer a linha” de macho.

A sociabilidade homoerótica, antes do surgimento da internet e aplicativos de relacionamento, foi marcada pelo sigilo e pela efemeridade. Na pesquisa de Nestor Perlongher (1987), os encontros entre homens aconteciam em estacionamentos, banheiros públicos, saunas, cinemas etc., em sua maioria durante a noite. A cidade de São Paulo apresentava pontos em que a homosociabilidade podia ser observada apenas em determinados horários. Trata-se de uma dinâmica que coloca a homossexualidade como dissidência, pois ela fica reservada à horários noturnos.

A partir do desenvolvimento das mídias digitais e da internet, um novo espaço de sociabilidade homoafetiva tornou-se possível. As salas de bate-papo proporcionaram uma nova forma de experimentação da sexualidade. Esses ambientes e as relações que se desenrolam para além deles, redimensionam um dispositivo de controle da homossexualidade, na medida em que se tornam uma extensão do armário (MISKOLCI, 2009b). O armário é teorizado por Eve Sedgwick (2007) como um símbolo de opressão à homossexualidade no século XX. A autora analisa a complexidade que ele representa, apresentando-se como uma forma de controle incessante, visto que não se abandona o armário totalmente, há sempre novas situações em que o regime de visibilidade/invisibilidade do armário se impõe:

Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um

emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida (SEDGWICK, 2007, p.22).

Em uma sociedade heteronormativa, o segredo e a descoberta operam dentro de uma lógica na qual a sexualidade é negociada. Assim, muitos homens gays precisam apresentar uma heterossexualidade aparente para não comprometer relações pessoais e profissionais. Trata-se de um regime de visibilidade que impõe a heterossexualidade como sinônimo de público, natural e desejável. Tal regime se manifesta também nas plataformas digitais, nas quais, o sigilo e a discrição — muitas vezes — compõem os perfis de usuários de aplicativos no intuito de evitar o ônus de ter sua homossexualidade exposta em público e, ainda assim, poder se relacionar com outros homens.

De outro lado, as tecnologias alteraram a forma como os sujeitos se relacionam e as configurações afetivas/sexuais. Como Miskolci (2014) observa, as relações afetivas/sexuais em contexto digital estão marcadas pela praticidade que permitem, de alguma forma, negociar com o regime de visibilidade heteronormativo. Em aplicativos que usam a geolocalização, o usuário pode estar no conforto de casa e estar investindo em sua vida sexual, sem a necessidade de se deslocar a bares, baladas e outros espaços frequentados por possíveis parceiros. Não raro, esta se torna uma estratégia para a realização das práticas afetivo-sexuais entre homens, sem sua associação com o “meio” gay.

Uma nova configuração das relações afetivas/sexuais se instaura com a generalização do acesso à internet por meio das plataformas digitais, que é chamada, por Miskolci (2014), de *nova economia do desejo*, fruto de mudanças econômicas e tecnológicas. Essas mudanças contribuem para alterar o roteiro antes estabelecido, no modelo heterossexual, de namoro noivado-casamento, que tem ocupado o segundo plano frente à qualificação profissional e exigências do mercado de trabalho.

Para o autor, a nova economia do desejo facilita o “hook up”, termo norte-americano para encontros afetivos-sexuais casuais. Este termo tem um caráter higienizador com relação ao “cruising”, termo antes usado para encontros casuais em ambientes de homosociabilidade, como cinemas, saunas, banheiros públicos etc.

Essa higienização se dá na medida em que, nos aplicativos, os sujeitos tendem a buscar e selecionar parceiros segundo altas demandas normativas no que tange ao corpo, à raça, à masculinidade e à idade e classe social.

De forma complementar, a pesquisa de Camilo Braz (2010) revela que, de certa forma, os encontros em locais públicos de homosociabilidade são mais “democráticos” e menos seletivos. De um lado, a oportunidade é passageira e não há garantias de que o sujeito obterá prazer se for criterioso, de outro, esses espaços apresentam um público marginalizado em comparação ao público presente nos aplicativos.

Os estudos sobre aplicativos de relacionamentos para a homossexualidade ressaltam a produção histórica, cultural e generificada que coloca o homem gay masculino e musculoso como desejável em detrimento ao homossexual que se aproxima do feminino (MISKOLCI, 2017). Os aplicativos não apenas facilitam encontros, mas reforçam a busca por reconhecimento que, por sua vez, se traduz em ser adequado à determinadas expectativas estéticas e corporais, muitas vezes, reforçando as normas de gênero.

MASCULINIDADES E A BUSCA AFETIVA-SEXUAL EM SANTA MARIA

Santa Maria é uma cidade de médio porte. A Universidade Federal de Santa Maria tem extensão territorial de mais de mil e oitocentos hectares. Outras seis instituições privadas da cidade (FADISMA, FAMES, FAPAS, FISMA, ULBRA e UNIFRA) também apresentam em seu corpo discente um número considerável de estudantes (em torno de nove mil). Os dados do IBGE de 2010 mostram que os membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares somavam 5.327 profissionais. Desse número, apenas 164 eram profissionais do sexo feminino.

Fica evidente que o número de profissionais militares no município é expressivo quando comparado, por exemplo, aos dados do censo de 2010 de municípios do mesmo porte que Santa Maria. O município de Gravataí (RS), por exemplo, tem uma população estimada, em 2020, de 283.620 habitantes; estimativa semelhante à de Santa Maria, porém, com relação aos membros de forças armadas, policiais e bombeiros militares, o número total é muito inferior: são 314 profissionais do sexo masculino e 13 profissionais do sexo feminino (IBGE, 2010). Em Santa Maria, são

dezenove organizações militares², contando o hospital militar (Hospital de Guarnição de Santa Maria), o colégio militar e a base área (que fica no mesmo bairro que a universidade).

Segundo matéria divulgada por um jornal local³, a cidade é a quarta colocada entre as cidades mais buscadas por militares. Dados divulgados pela Agência de Desenvolvimento de Santa Maria mostram que os oficiais do exército (militares e aeronáutica) representam 2,73% da população do município, sem contar seus familiares.

Diante desse cenário local de forte presença universitária e militar, surgiu, para esta pesquisa, a questão de como convivem padrões de masculinidades diversos, e como eles são acionados no aplicativo Grindr. A fim de adentrar ao campo, realizei uma pesquisa exploratória em dois contextos diferentes: nas proximidades da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e no centro da cidade, localidade próxima às moradias urbanas, locais comerciais e espaços de treinamento militar. O recorte espacial levou em conta o contexto do centro da cidade em comparação ao contexto do bairro de Camobi, mais vinculado à comunidade universitária. Os dados colhidos inicialmente, ao adentrar o campo, serviram para formular questões que, posteriormente, foram aprofundadas qualitativamente a partir da interlocução com alguns usuários do aplicativo.

A partir da observação nesses contextos, notei variações no que diz respeito aos usos do aplicativo e seus recursos. Com as primeiras observações, foi possível identificar que, nas proximidades do centro da cidade, há maior frequência de usuários que não apresentam foto de perfil e outras informações relevantes. A não-publicização de informações no perfil do aplicativo é tomado como um dado, visto que esses sujeitos podem estar em ambientes militares, nos quais se reforça um modelo de masculinidade viril e heterossexual. Como Miriam Grossi (2004) coloca, no quartel homens estão sujeitos a uma série de violências sobrepostas a partir de uma hierarquia, incluindo regimes exaustivos de treinamento e humilhações por seus superiores. Dessa forma, uma performance de gênero não normativa, ou a apresentação explícita da homossexualidade nesses ambientes pode tornar esses

² Dados divulgados pela Agência de Desenvolvimento de Santa Maria <<https://santamariaemdados.com.br/sociedade/8-5-defesa/>> Acesso em 17 de Julho de 2021.

³ Matéria completa disponível em <encurtador.com.br/uxERW> Acesso em 14 de Maio de 2021.

sujeitos alvos de constrangimentos e perseguições de seus colegas e superiores.

O espaço militar adentra a plataforma do aplicativo e assume uma posição de fetiche. Miskolci (2017) aborda como a pornografia se tornou uma referência de modelo desejante de masculinidade para homens gays, de forma a contrastar com modelos estereotipados da homossexualidade nas mídias. Tal modelo se forjou no contexto de pânico moral da aids, no qual se reforçou o estigma da homossexualidade a partir da sua vinculação com a doença.

O imaginário de uma figura máscula desejável apresenta-se, no aplicativo, por exemplo, com homens que procuram exclusivamente militares para se relacionar — um dos perfis se dispõe a pagar por tal relação. O aplicativo segue uma lógica de oferta e procura, da mesma forma que há perfis que buscam militares, há perfis que, em suas descrições, fazem questão de expor sua vinculação com a instituição militar colocando, por exemplo, fotos parciais da vestimenta militar (farda) ou coturno.

No que tange à raça, o corpo negro ocupa uma posição de rejeição ou fetiche. Alguns perfis colocam nas suas descrições que rejeitam homens negros. Outros, no entanto, afirmam ter preferências por “negões” e dizem “combinar bem” com esse perfil. A hipersexualização e hipervirilização do homem negro reforça a concepção de que seriam “bem-dotados” e insaciáveis sexualmente. O próprio termo “cafuçu”, presente na função “tribos” do aplicativo⁴, se refere a um homem de pouca instrução, negro, com um corpo malhado (de trabalhos braçais), que é hipermasculino e viril.

Um de meus interlocutores, a quem chamarei de Fred⁵ para preservar sua identidade, relata sua frustração em encontrar um relacionamento, uma vez que os perfis no aplicativo buscam apenas sexo casual, para o qual o tamanho do órgão sexual é o mais importante. Ele relata que frequentemente utiliza a ferramenta de bloqueio quando é abordado de forma desconfortável, como usuários que “só querem saber o tamanho de sua rola”. Fred é um homem cis-gênero e bissexual de 24 anos, quando perguntado sobre como se identifica racialmente, relatou se considerar pardo. Embora ele se autodeclare pardo, tendo como base suas fotografias no aplicativo, considera-se que Fred pode ser lido socialmente como um homem negro de pele

⁴ As tribos são identificações dos usuários, subgrupos construídos a partir de características pessoais, como por exemplo a tribo Barbie que representa homens musculosos e sem pelos corporais. O aplicativo disponibiliza treze tribos diferentes, podendo os usuários escolher três para compor seu perfil.

⁵ Todos os nomes presentes no texto são fictícios a fim de preservar a identidade dos interlocutores.

clara, sendo este um dos possíveis motivos das recorrentes abordagens de outros usuários que reproduzem uma norma racial que objetifica homens negros.

Com relação aos perfis que mais o atraem, diz que seu “tipo” seriam os “malokas”, se considerando do mesmo estilo, a maneira de um “maloka” se vestir é característico com uso de boné, jaqueta corta vento e calça de moletom, além de ter piercings e tatuagens. Embora esse seja o perfil que mais o atrai, não encontra com frequência esse estilo em Santa Maria.

Segundo o dicionário informal⁶ “maloka” é uma variação popular da palavra “maloqueiro”, que é um substantivo pejorativo, cujo significado é: alguém à margem da sociedade. Esse estilo viralizou nas redes sociais, como o TikTok, em 2021. O termo “mandrake”⁷ também é usado para denominar o estilo popular da periferia, que consiste em ter sobancelha cortada, tatuagens, correntes, roupas largas e de marca.

Nas relações afetivo-sexuais, o termo também está ligado à fetichização. Em 2020, o youtuber gay Matheus Mazzafera publicou em seu canal um vídeo com Gustavo Rocha⁸, o qual declara que o estilo que lhe atrai é o “maloka tatuado”; em suas palavras “quanto mais estragado melhor”. No vídeo, ambos confirmaram se sentir atraídos pelo estilo, mas que este não seria um perfil para namorar, acabando por namorar apenas homens brancos e loiros.

A partir da interlocução com os usuários do aplicativo, foram ressaltadas questões relacionadas à masculinidade que não estavam visíveis somente na observação dos perfis. Todos os interlocutores relataram passar na infância um constrangimento com uma norma de masculinidade e uma sensação de “desencaixe”, tendo sua sexualidade questionada ou sendo rotulados de “viadinho” e “bichinha”.

Michel, 36 anos, afirma que sua infância foi marcada pelo personagem *He-man*, que era para ele era o modelo ideal de virilidade e corporalidade. Este personagem era uma personificação heroica, alinhada aos padrões estéticos predominantes (loiro, alto, musculoso), que ele via sendo reproduzidos em outros meios, como novelas, filmes e publicidade. E contrastava fortemente com sua expressão de gênero mais

⁶ A definição pode ser acessada em <<https://www.dicionarioinformal.com.br/maloka/>> Acesso em 26 de Julho de 2021.

⁷ Leia mais sobre em <<https://www.opovo.com.br/vidaarte/2021/07/01/voce-e-mandrake--entenda-a-giria-que-ganhou-fama-no-tiktok.html>> Acesso em 21 de Julho de 2021.

⁸ Mais informações sobre o ocorrido podem ser acessadas através do link <<https://istoe.com.br/apos-fala-racista-matheus-mazzafera-e-gustavo-rocha-se-pronunciam/>> Acesso em 21 de Julho de 2021.

feminina.

04/07/2021 22:03 - Michel: Fui uma criança bastante afeminada, não gostava de futebol nem de nada tipicamente masculino, preferia a companhia das meninas, e sofri muito com isso, principalmente na escola. Mas depois disso, por frequentar um curso de artes e conviver com pessoas desse meio, foi tudo muito mais tranquilo. Eu sei que sou privilegiado nesse sentido. (Mensagem enviada por Michel, através do Whatsapp, no dia 04/07/2021 às 22:03h).

Ao ingressar no ensino superior, Micheal ampliou sua perspectiva sobre gênero. Para ele, a universidade abriu seus olhos para outras possibilidades de existência para além daquelas que ele conhecera até aquele momento. Ele relata viver um processo constante de desconstrução desse modelo de masculinidade que esteve presente em sua criação.

O ambiente universitário é marcado por uma maior abertura a discussões voltadas ao gênero, o que implica maior tolerância na performance de gênero e sexualidade dissidentes. A universidade apresenta um grupo de vivência e acolhimento LGBTQIA+⁹ aberto ao público acadêmico e à comunidade em geral; ele tem como objetivo compartilhar vivências e criar redes de apoio. O coletivo VOE¹⁰ surgiu a partir da universidade e atua na cidade. É composto por estudantes, pesquisadores e ativistas reunidos em defesa da diversidade sexual, responsável por organizar atos políticos e a parada LGBTQUIA+ alternativa. Além do coletivo, a cidade apresenta uma revista colaborativa, a revista Prisma LGBT¹¹, que integra as produções e discussões sobre gênero e sexualidade na cidade, se apresentando como “uma revista colaborativa e independente que serve como canal de comunicação entre o público LGBT e sua produção cultural, artística e política”.

Antônio, homem negro de 40 anos, diz ser um “homem normal que gosta do diferente”. Durante nossas conversas, ele sempre evocava a categoria “normal” para se referir ao tipo de perfis que o atraem, para ele “ninguém precisa saber o que as pessoas fazem entre quatro paredes”. Antônio não chegou a completar o ensino

⁹ A página do grupo pode ser acessada pelo Facebook no seguinte link: <https://www.facebook.com/vivenciasLGBT/?ref=page_internal> Acesso em 03 de Junho de 2021.

¹⁰ A página do coletivo pode ser acessada pelo Facebook no seguinte link: <<https://www.facebook.com/ColetivoVoe>> Acesso em 03 de Junho de 2021.

¹¹ A página da revista pode ser acessada pelo Facebook no seguinte link: <<https://www.facebook.com/search/top?q=revista%20prisma%20lgbt>> Acesso em 03 de Junho de 2021.

fundamental, não revelou sua ocupação e não apresentou fotos de rosto nem no aplicativo nem nas interações pelo Whatsapp. Para ele, o sigilo e a discrição são características fundamentais para suas relações afetivas-sexuais. Ele apresenta-se para a sociedade como heterossexual, e poucas pessoas do seu círculo de convivência sabem de sua sexualidade. Chegou a manter um relacionamento por cinco anos com outro homem, em que moravam juntos, mas eram vistos apenas como colegas de apartamento.

O fato de Antônio evocar o adjetivo “normal” para explicar sua relação com a masculinidade implica em reconhecer que há relações “anormais” dentro dela. O sigilo e discrição são movidos pelo usuário para reiterar a norma de gênero a qual a homossexualidade deve estar restringida aos olhos públicos, dessa forma, lugares privados. Outro interlocutor, nomeado de Alan, conta que com relação aos usos do aplicativo, utiliza-o durante suas viagens. Ele relatou que vai com frequência vai à Porto Alegre e descreve os perfis da cidade como agressivos, que eles apenas enviam fotos íntimas e perguntam onde será o encontro. Em suas interações no aplicativo, conta que já passou por momentos de constrangimentos por conta de sua expressão de gênero feminina, e, também, por ser não-binário.

06/07/2021 20:07 - Alan: varias, esses tmpos uma gay me chamou e me disse q queria me dar uma dica ae a criatura ousada disse q eu deveria parar d usar salto e tntar ser feminino pq nao combinava, q eu era um homao da porra e q nao tinha nada haver q só me diminuia e deixava ridículo, eu bem calmo mandei ele de fuder pq a vida era minha e ele nem me conhecia pra saber oq me deixava bem ou nao

06/07/2021 20:08 - Alan: adoro qndo dizem isso ae mando foto da minha bunda q é grande ae eles ja qerem ae eu agradeço e digo q só curto afeminados, entro no jogo, odeio qm diminui o outro, nao to ali pra isso.¹² (Mensagens trocadas via Whatsapp em 06 de Junho de 2021).

Além de sua identidade de gênero, Alan faz drag, arte que mostra que o gênero é fabricado através de roupas, peruca, maquiagens e enchimentos, criando uma ilusão de gênero. Embora a arte drag tenha conquistado um grande público de admiradores com franquias como o reality show *RuPaul's Drag Race* e esteja presente no meio musical brasileiro com cantoras como Pablllo Vittar e Gloria Groove, algumas pessoas não a consideram como uma arte válida e bem-vista. Na vida de Alan, um

¹² As mensagens presentes no artigo foram transcritas de acordo com a grafia original enviada pelo interlocutor, dessa forma contém erros de ortografia, abreviações e gírias.

relacionamento seu chegou ao fim por seu parceiro não compreender sua arte, além de ser transfóbico com sua identidade de gênero.

08/07/2021 20:46 - Alan: entao, ja terminei um namoro por isso, a gay alem d "nao curtir dag" era transfobica, tentei abrir a mente dele pq ele era uma pessoa incrível, mas cmo eu poderia aguentar LGBTFOBIA d alguem do meio, era bisarro

08/07/2021 20:47 - Alan: a maioria das gay padrao nao gostam eu uso cmo um filtro pra tirar pessoas da minha vida (Mensagem trocada via Whatapp no dia 08 de Junho de 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os usuários do aplicativo Grindr no contexto de Santa Maria ficou em evidência a pluralidade de discursos referente à masculinidade, com a presença de perfis de usuários que reiteram uma masculinidade pautada na heterossexualidade ao se descreverem como machos ou “normais”. No entanto, há perfis que desconstroem essa norma de masculinidade ao reivindicarem outras formas de existência para além de definições hegemônicas de masculinidade.

Os estudos de masculinidades auxiliam a pensar configurações locais que expressam uma norma de gênero, movida por ideais corporais e de comportamento. O controle da masculinidade se dá em relação às masculinidades subalternizadas, pois é através de comunicar o que os usuários “não gostam” no perfil que o controle da masculinidade opera, estabelecendo a aceitação de determinadas características que não são expostas por vias discursivas nos perfis.

A regulação da sexualidade esteve presente na pesquisa de campo, onde de acordo com o cenário urbano, a prática de manter anonimato ocultando informações de perfis ocorria com mais frequência nas proximidades dos espaços militares. Não somente nessas ocasiões se prefere o sigilo e a discrição, sendo este também o caso de Antônio, que se utiliza do segredo para manter o que considera uma “normalidade”, mesmo em suas palavras “gostando do diferente”.

Ao analisar as experiências individuais de masculinidades entre os interlocutores de pesquisa, evidenciou-se como questões raciais implicam em uma vivência particular, ora de rejeição ou fetiche. Ideais coloniais de que homens negros são “bem-dotados” e insaciáveis, sexualmente os coloca em uma posição erótica do desejo, mas os excluem da vivência de um relacionamento, como dito pelo youtuber Matheus Mazzafera, este seriam um perfil para “pegar” e para não namorar.

Ao comparar as concepções de masculinidades entre os interlocutores da pesquisa de faixas etárias semelhantes, como Michel (36 anos) e Antônio (40 anos), podemos identificar condicionantes sociais que (des)construíram sua concepção de masculinidade. Michel, que acessou o espaço universitário, mostrou entender as normas de gênero como questões sociais, vendo a categoria gênero como uma relação de poder, compreendendo que a masculinidade é cultural e excludente também dentro das relações entre homens, ao estar estabelecido posições-sexuais de maior ou menor prestígio.

Já para Antônio, homem negro que não chegou a completar o ensino fundamental, sua concepção de masculinidade está alinhada a heterossexualidade considerada como comportamento “normal”. Embora tenha relatado, durante nossas conversas, que chegou a assumir-se para sua mãe como homossexual e ter sido aceito por ela, além de revelar não ter medo de que suas relações pessoais sejam alteradas com o descobrimento de sua homossexualidade, ele não questiona as normas de masculinidade e acaba por reiterá-las em sua busca afetivo-sexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRAZ, Camilo Albuquerque. **À meia-luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos**. Campinas: Unicamp, 2010.

CONNELL, Raewyn. **Política da Masculinidade**. Educação e realidade: 20(2):185-206 jul./dez. 1995.

CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. Universidade Nacional Autônoma do México: Cidade do México, 2003.

CONNELL, Raewyn. MESSERSCHMIDT, James. **Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, p. 241-282, janeiro-abril/2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo, Graal, 2010.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades: Uma revisão teórica**. UFSC: Florianópolis, 2004, ISSN 1677-7174, p. 1-35.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático: novas**

tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, p.11-29, 2016.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday**, Bloomsbury, Londres, 2015.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MISKOLCI, Richard. **San Francisco e a nova economia do desejo**. São Paulo: Lua Nova, 91: 269-295, 2014.

MISKOLCI, Richard. **O Armário Ampliado** – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009b.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A Epistemologia do Armário**. In: Cadernos Pagu. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007:19-54.

* Artigo recebido em 30 de julho de 2021,
aprovado em 23 de agosto de 2021.